

## A CONSCIÊNCIA EM JULIAN JAYNES

### THE CONSCIOUSNESS IN JULIAN JAYNES

Márcio Francisco Rodrigues Filho\*

#### RESUMO

Este artigo apresenta a hipótese da origem da consciência humana segundo Julian Jaynes, para mostrar que, mesmo a hipótese de Jaynes enfrentando problemas devido à ausência de dados fisiológicos sobre o cérebro humano à época de sua publicação (1976), ainda assim tal hipótese foi influente na filosofia da mente. Para tanto, num primeiro momento apresentamos a ideia de Jaynes de que a mente humana na antiguidade (3500 a.C a 1400 a.C), antes de ser consciente, era dividida em dois hemisférios cerebrais separados, dos quais um mandava comandos e o outro executava tais comandos inconscientemente. Depois, num segundo momento, contrastamos a hipótese de Jaynes com dados fisiológicos do cérebro para mostrar que, embora a hipótese falhe em alguns aspectos, ainda assim gerou reações controversas entre alguns pesquisadores e filósofos da mente.

**PALAVRAS CHAVE:** Bicameral. Consciência. Cérebro. Introspecção. Autoconsciência.

#### ABSTRACT

This paper presents the hypothesis of the origin of human consciousness according to Julian Jaynes, to show that even the hypothesis of Jaynes facing problems due to the absence of physiological data on the human brain at the time of its publication (1976), yet such a hypothesis, was influential in the philosophy of mind. To this end, we first present Jayne's idea that the ancient human mind (3500 BC to 1400 BC), before being conscious, was divided into two separate brain hemispheres, one of which was hallucinating commands and the other hemisphere, executed such commands unconsciously. Then, in a second moment, we contrast Jayne's hypothesis with brain physiological data to show that while the hypothesis fails in some respects, it still generated controversial reactions among some researchers and philosophers of the mind.

**KEY WORDS:** Bicameral. Consciousness. Brain. Insight. Self-consciousness.

## INTRODUÇÃO

Aqui apresentamos a hipótese bicameral da consciência, proposta pelo psicólogo americano pouco conhecido fora dos EUA, Julian Jaynes (1920-1997); nascido nos arredores de Boston, professor universitário na Universidade de Princeton, morreu em decorrência de problemas com o alcoolismo aos seus 77 anos. Sua obra *The origin of consciousness in the breakdown of the bicameral mind* publicada em 1976 (JAYNES, 2000), muito popular nos

---

\* Doutorando em Filosofia pela UNISINOS. Professor na FAEL e na Escola Estadual Olindo Flores da Silva em São Leopoldo/RS. E-mail: [marcio.francisco.rodrigues@gmail.com](mailto:marcio.francisco.rodrigues@gmail.com).

EUA, tornou-se uma espécie de leitura *cult* (*underground*) por lá, já que a obra contém um conhecimento profundo dos textos das antigas civilizações (TEIXEIRA, 2012).

Em seu livro *A origem da consciência na destruição da mente bicameral*, Jaynes (2000) apresentou uma hipótese no mínimo extravagante. O autor analisou a origem da consciência humana aproximando a Filosofia da mente da História, do estudo dos textos antigos e da própria antropologia. Seus pontos de vista são considerados ainda hoje um pouco excêntricos, especialmente se examinados da perspectiva dos dados empíricos da neurociência contemporânea. Ned Block (1977, 1995), por exemplo, um renomado filósofo da mente, salientou que é "ridículo" ter uma suposição como a leitura que ele fez de Jaynes: de que a consciência é uma construção cultural baseada na linguagem e aprendida na infância. Afinal, para Block (1977, 1995), se a consciência evoluiu na cultura, então é um abstrato, assim a consciência teria surgido sem fazer nenhum recurso de nossa herança evolutiva animal. Como a consciência teria surgido sem fazer recurso às características biológicas como, por exemplo, a nossa experiência sensorial evoluída ao longo de milhões de anos? Todavia, nem tudo são críticas, pois há obras famosas em filosofia da mente, como, por exemplo, *Consciousness explained* (1991), de Daniel Dennett, que está mergulhada no *insight* de Jaynes.

No livro do psiquiatra Iain McGilchrist, *The master and his emissary*<sup>1</sup> (2009), é-nos apresentada uma análise profunda sobre o papel dos hemisférios cerebrais para as produções culturais, para propor a forma de Jaynes que, desde a época de Platão, por exemplo, o hemisfério esquerdo do cérebro, que McGilchrist (2009) chama de "emissário", tem abarcado cada vez mais o hemisfério direito (que ele chama de "mestre"). McGilchrist aceita a proposta de Jaynes, mas acredita que a hipótese está inversa (o hemisfério direito comanda as ações e não o esquerdo, como pensava Jaynes). Segundo McGilchrist, os animais humanos tinham cérebros unidos e estão, desde a Grécia antiga, se separando. Assim, diferente de Jaynes que alegou que o cérebro se unira, para McGilchrist (2009) o hemisfério esquerdo (emissário) está a cada dia, progressivamente, tomando conta do hemisfério direito (mestre), separando-o daquele, ou ainda, sobrepondo um ao outro em termos de comando. Contudo, há inúmeras controvérsias em torno da obra de Jaynes; nos Estados Unidos, por exemplo, há inclusive uma

---

<sup>1</sup> McGilchrist buscou analisar o hemisfério direito e descobriu que há algo de importante a ser analisado a respeito dele, mas não naquilo que diz respeito às funções dos dois hemisférios e a diferença das suas tarefas; antes, seria analisar a forma como ambos os hemisférios desempenham as suas funções. Para ele, o pensamento se origina no hemisfério direito e é processado para expressão no discurso pelo hemisfério esquerdo, enquanto o significado após o processamento do discurso, novamente, no hemisfério direito, que apenas entende o significado geral de uma expressão complexa (MCGILCHRIST, 2009).

Julian Jaynes Society dedicada ao estudo da obra de Jaynes, sugerindo que, no mínimo, apesar de essa teoria ser pouquíssimo conservadora, ainda assim ela fascina inúmeros leitores (TEIXEIRA, 2012).

Este artigo sobre a hipótese controversa de Jaynes (2000) acontece em três momentos. Primeiro apresentamos a mente bicameral e seus pressupostos, ou seja, apresentamos a fundamentação básica que Jaynes utilizou para defender a hipótese central do seu livro: a defesa da consciência como um produto cultural, um conceito que foi apreendido na infância pelos seres humanos que viveram lá na metade do segundo milênio antes de Cristo. Depois, no segundo momento, apresentamos o suporte biológico dessa mente bicameral, o cérebro bicameral, e alguns problemas que tal tese implica quando contrastada à fisiologia do cérebro humano; iremos sugerir que foi a insuficiência de dados neurofisiológicos mais adequados, quando Jaynes realizou sua pesquisa, que parece tê-lo levado a supor erroneamente que a consciência seria uma espécie de produto cultural não biológico. No entanto, como veremos, tal insuficiência de dados empíricos à hipótese de Jaynes não é suficiente para negligenciarmos sua obra. Afinal, ao menos do ponto de vista da filosofia da mente, Jaynes pode ser visto como um entusiasta de uma psicologia realizada sobre dados empíricos, revolucionando o modo como autores contemporâneos entendem a consciência (DENNETT, 1978, 1991, 1998).

## **1 A MENTE DIVIDIDA: O BICAMERALISMO**

O "bicameralismo", ou a filosofia das "duas câmeras" como também é conhecido, é uma hipótese em psicologia que argumenta que a mente humana tinha funções cognitivas divididas entre uma parte do cérebro "falante" e uma segunda parte, a "ouvinte", que escutava e obedecia a parte falante: a mente "bicameral". Esta, a "Mente Bicameral", é um termo cunhado por Julian Jaynes (2000) em seu livro publicado em 1976, que supôs o seguinte: uma vez que em uma data X a linguagem humana não dispunha da palavra "eu" (ou seus pronomes), os falantes dessa linguagem não teriam uma mente consciente no mesmo sentido em que nós a temos agora, com a consciência de consciência (ou metacognição/introspecção). Isso porque, para Jaynes, se os seres humanos não possuíam um "eu" na sua linguagem escrita, então isto seria um bom indício de que em uma determinada época da história humana não existia a autoconsciência, ou ainda, a "consciência" no sentido de Jaynes.

Na *Origem da consciência na destruição da mente bicameral*, Jaynes (2000) alega que, em muitos momentos da história escrita da civilização humana, os seres humanos já eram capazes de fazer várias coisas como, por exemplo, falar, compreender, perceber e resolver problemas, mas ainda assim eles não tinham a consciência de consciência<sup>2</sup>. Tais seres humanos foram chamados por Jaynes (2000) de bicamerais. Esses seres humanos faziam quase tudo o que fazemos, mas não havia introspecção de um "eu" consciente que sabia que era consciente, ou seja, mentes bicamerais não eram capazes de introspecção. Para Jaynes (2000), quando uma decisão precisava ser tomada, nossos antepassados ouviam vozes que experimentavam (consciência?), "como se" tais vozes tivessem vindo "de fora" das suas próprias cabeças (ordens que tais animais humanos entendiam como sendo de deuses). Ainda segundo Jaynes, a transição da mente bicameral para a mente consciente em seu sentido, isto é, a mente bicameral passou a ser "autoconsciente", exclusivamente por conta do vasto poder que a linguagem humana, abstrata, tem de fazer metáforas e analogias a respeito dos estados de coisas que ocorrem no mundo (TEIXEIRA, 2012). Foram exatamente essas metáforas do "eu" e dos modelos análogos do "eu" que, para Jaynes (2000), permitiram a consciência fazer funcionar a introspecção, a autovisualização<sup>3</sup> dos próprios estados mentais daquele que é consciente.

---

<sup>2</sup> Segundo Block (1995), as palavras "consciente" e "consciência" são termos gerais que cobrem uma grande variedade de fenômenos mentais e não há uma perspectiva única sobre a definição desses termos que seja amplamente aceita porque, tanto "consciente" como "consciência" são empregados com uma diversidade de significados. O adjetivo "consciente" é aplicado tanto a organismos inteiros: por exemplo, "seres humanos são conscientes" (consciência da criatura), como também é aplicado a estados e processos mentais particulares (estado de consciência: ver, sentir, acreditar, desejar). Assim, embora se entenda que a "autoconsciência" é um sentido mais exigente do termo "consciente", pois pode definir as criaturas conscientes como aquelas que não estão apenas cientes disto ou aquilo, pois sentem dor, prazer etc., mas também exige que algumas criaturas sejam conscientes "de que" são elas que estão conscientes disto ou daquilo. Porém, Rosenthal (1986), Gennaro, (1995), Carruthers (2000) e outros ressaltam que a autoconsciência pode ser interpretada de várias maneiras. Além de que quais criaturas podem ser autoconscientes nesse sentido específico do termo, depende da abordagem da teoria. Por exemplo, se autoconsciência depender da teoria da conscientização conceitual explícita, muitos animais não humanos e crianças pequenas são inconscientes, mas se formas rudimentares sem linguagem abstrata forem suficientes, então vários animais podem ser entendidos como seres autoconscientes.

<sup>3</sup> Neste artigo, entendemos que a propriedade que Jaynes (2000) chama de "consciência" é a propriedade que, geralmente, em filosofia da mente, nomeamos de *self-conscious*, uma propriedade que é equivalente a *self-aware* (autoconsciência). Isso porque não acreditamos que Jaynes desejasse explicar a origem da consciência propriamente dita, mas antes, da autoconsciência. Afinal, se tais seres humanos experimentavam algo como, por exemplo, dores ou vozes, ou ainda, se já teriam a chamada *propriocepção* porque se movimentavam, que é a capacidade de reconhecer a localização espacial do corpo, então tais seres humanos faziam, obviamente, a experiência de algo. Assim, dado que um ser que faz a experiência de algo é, em termos basais, aquilo que queremos dizer quando algo é consciente, então, de acordo com algumas perspectivas filosóficas muito reconhecidas (NAGEL, 1974; ARMSTRONG, 1981; SEARLE, 1990), podemos dizer que estes seres humanos relatados por Jaynes (2000), que já agiam de modo bastante sofisticado antes de "ter consciência", já seriam conscientes, não é mesmo? Todavia, este é assunto para outro artigo.

O bicameralismo é governamental porque as metáforas são utilizadas para descrever um estado da mente humana no qual as experiências e memórias emanadas pelo hemisfério direito do cérebro humano eram transmitidas ao hemisfério esquerdo via alucinações auditivas. A metáfora de Jaynes está fundamentada na ideia da "lateralização" das funções cerebrais. Jaynes acreditava que cada um dos hemisférios cerebrais estava separado na antiguidade (segundo milênio A.C.). Jaynes alegou que cada uma das metades do cérebro bicameral não estava interligada uma a outra através do corpo caloso.<sup>4</sup> A metáfora de Jaynes não dizia respeito a uma seção entre as duas metades do cérebro humano enquanto duas partes totalmente separadas; antes disso, a metáfora de Jaynes pretendeu destacar a possibilidade de a mente bicameral ser dividida em duas partes, em que uma manda e a outra obedece às vozes do "além", como sendo uma mente que foi vivenciada pelos nossos antepassados. Segundo Jaynes (2000), existiu este esquema mental diferente, não consciente, em que a volição diante de novos estímulos foi mediada por um mecanismo de controle linguístico e experimentado, como uma espécie de alucinação verbal auditiva por parte desses sujeitos que não possuíam um "eu" autoconsciente (CAVANNA; TRIMBLE; CINTI; MONACCO, 2007).

Em Jaynes (2000), a consciência é um mundo conceitual gerado por metáforas que é paralelo ao mundo real, e está intimamente ligada à vontade e à decisão. Para Jaynes o *homo sapiens* não podia experimentar a consciência até que nele tivesse sido desenvolvida uma linguagem suficientemente sofisticada que pudesse produzir metáforas e modelos analógicos sobre o mundo. Civilizações anteriores ao período clássico grego (500 A.C), no sentido de Jaynes, tinham uma mente repartida em duas. Uma delas (o hemisfério direito do cérebro) emanava vozes que eram entendidas como conselhos dos deuses (pelo hemisfério esquerdo do cérebro) que guiava essas sociedades, já que este lado (esquerdo) executava as ordens que o hemisfério direito concebia. Para Jaynes essas vozes são iguais às alucinações auditivas que atribuímos a um esquizofrênico; todavia, textos antigos as registraram como algo absolutamente normal. Além disso, "nossos" casos atuais de esquizofrenia seriam um efeito colateral daquela época. A existência de um "eu" consciente para Jaynes seria uma espécie de "eu narrador" que foi internalizado pelo nosso cérebro que acoplou os seus dois hemisférios. Isso porque a linguagem humana precisou ser sofisticada para dar conta de novos problemas como as imigrações que passaram a ser algo necessário devido à grande escassez de recursos

---

<sup>4</sup> O corpo caloso é uma estrutura do cérebro de mamíferos que conecta os hemisférios cerebrais direito e esquerdo (MACHADO, 2004).

para a subsistência de nossos antepassados (CAVANNA; TRIMBLE; CINTI; MONACCO, 2007).

A data provável do aparecimento dessa linguagem mais sofisticada que posteriormente evoluiu foi datada por Jaynes em 3000 a.C, quando surgiu a escrita dos supostos "eus" que falavam aos seres "autômatos". Em Jaynes (2000) a análise desses textos poderia revelar quando este "eu" surgiu, pois possibilitaria detalharmos historicamente quando houve o surgimento da consciência, pois até à época das primeiras versões escritas da *Ilíada*, ou seja, em 800 a.C, ainda não havia nada parecido com um "eu" ou com uma consciência na literatura humana. De acordo com Jaynes (2000), éramos marionetes dos deuses porque não havia introspecção na época da mente bicameral. Jaynes entendeu a consciência como sendo apenas uma pequena parte da atividade mental sem finalidade alguma para a sensação ou percepção, para a formação de conceitos ou para a aprendizagem, pensamento ou até mesmo para o raciocínio (TEIXEIRA, 2012).

No bicameralismo, as principais ações e habilidades humanas podem funcionar de forma automática e inconsciente. Sendo muito bem concebível a ideia de que se isso fosse verdade, então poderiam coexistir os animais humanos fazendo quase todas as coisas que fazemos hoje, como falar, entender, perceber, resolver problemas, mas que não tinham autoconsciência, ou melhor, consciência no sentido de Jaynes (CAVANNA; TRIMBLE; CINTI; MONACCO, 2007).

Os primeiros escritos do homem (hieróglifos, hieráticos e cuneiformes) são bastante difíceis de traduzir e entender em profundidade, especialmente quando se referem a algo psicológico. Assim, se queremos procurar qualquer evidência histórica da consciência, um "eu" análogo narrando num espaço-mental, devemos ir a uma linguagem com a qual temos alguma continuidade cultural. Tal linguagem seria o grego antigo, pois de acordo com Jaynes o texto grego mais antigo, a *Ilíada* (800 a.C), serviria para se testar a sua hipótese, pois poderíamos verificar se há alguma evidência da consciência de um "eu" nesses escritos. De fato, ao lermos a *Ilíada*, não parece haver quaisquer pensamentos subjetivos ou o conteúdo da mente de um "sujeito". Além disso, é sabido que os heróis da *Ilíada* não foram capazes de tomar decisões, ninguém tinha introspecção, pois sequer seus personagens descrevem lembranças de algo nessa obra. Aparentemente eram "autômatos" que não eram autoconscientes (JAYNES, 2000).

O homem ilíaco não tinha subjetividade como nós. Ele não tinha um espaço mental interno para refletir sobre ele. Algumas excentricidades lexicais no texto homérico (a ausência de uma única palavra traduzindo "consciência", "mente", "alma" ou até mesmo "corpo"), levaram Jaynes a formular sua hipótese. Na *Ilíada* as mentes humanas eram inconscientes, ou melhor, sem autoconsciência. Isso porque, embora tais animais humanos percebessem, não eram autoconscientes das suas percepções. Tais mentes bicamerais registraram automaticamente tais dados ali expostos e puderam relatar objetivamente esses eventos no livro, mas não sabiam que eram "eles" os envolvidos nesse processo, que estavam realizando tal atividade porque não sabiam que eles "percebiam que percebiam". A transição para escritos subjetivos e introspectivos da mente consciente ocorreu em obras posteriores a isso, começando com a *Odisseia* (JAYNES, 2000).

Jaynes afirmou que os homens na idade da *Ilíada* (800 a.C) aprenderam a falar, ler e escrever, bem como realizar suas vidas diárias, mas permaneceram inconscientes ao longo de suas vidas. Entretanto, se eram inconscientes, quem tomava decisões? A resposta de Jaynes é que sempre que uma escolha significativa devia ser feita, uma alucinação auditiva se intrometia dizendo às pessoas o que fazer. Essas vozes, na *Ilíada*, sempre e imediatamente obedecidas, eram chamadas de deuses. Antes da evolução cultural da consciência (1400-600 a.C), já que o cérebro humano era organizado de forma bicameral, havia o hemisfério direito (o sintético, o poético, o "cérebro de Deus") que derivava, emanava, alucinava, enfim, de onde provinham as instruções verbais alucinatórias que o hemisfério esquerdo (o analítico, racional, "*man-brain*") executava, especialmente em resposta a situações incomuns ou estressantes nas quais estes nossos antepassados se encontravam<sup>5</sup> (CAVANNA; TRIMBLE; CINTI; MONACCO, 2007).

A mente bicameral poderia ser observada não apenas na literatura mais antiga, mas também nos exemplos contemporâneos de retrocessos à bicameralidade, como hipnose e esquizofrenia, uma vez que as alucinações auditivas ou verbais podem ser consideradas como um remanescente dessa mentalidade primitiva. A mentalidade bicameral permitiu que um grande grupo carregasse consigo, na forma de alucinações verbais ou auditivas, os comandos do rei. Os líderes usaram essas "vozes" que foram geradas pelo estresse para conduzir as

---

<sup>5</sup> Entre 1100 a 800 a. C havia muita escassez de terras e a necessidade de expansão do comércio, portanto, inúmeras migrações em massa ocorreram na Grécia. Muitas cidades gregas, como Atenas, conquistaram várias áreas coloniais, próximas e também distantes, mas embora as pessoas vivessem bem, a oligarquia governava duramente. Em Atenas, por exemplo, surgiu muita insatisfação com o governo com o aumento da população camponesa e escassez de alimentos (OBER, 1996).

massas em um uníssono cooperativo. A mente bicameral permitiu que os homens construíssem sociedades e as primeiras civilizações desenvolvidas através de vozes de alucinações atribuídas a deuses e outros governantes: "autoridades" externas e a vários símbolos, como sepulturas, templos e ídolos. Finalmente, Jaynes especula que o desenvolvimento da consciência humana moderna começou em torno de 1400-600 a.C, quando os homens foram evolutivamente forçados pelo caos de enormes migrações induzidas pela superpopulação e catástrofes naturais e precisaram usar de forma generalizada a escrita e a mentalidade (JAYNES, 2000).

De acordo com Jaynes, nessa etapa o homem se encontrava na Grécia de Sólon<sup>6</sup>, em 600 a.C, pois este foi o primeiro a falar de uma "mente" ou uma "consciência" do mesmo modo como falamos hoje. Ele é também considerado por Jaynes como a primeira pessoa que teria dito "conhece-te a ti mesmo", embora alguns historiadores sustentem que essa sentença tenha nascido proposta no oráculo de Delfos. Por outro lado, o que vale destacar é que os resquícios das vozes alucinadas introspectivamente perduram até os nossos dias. Na época moderna, por exemplo, encontramos filósofos como Descartes (1596-1650) e Wittgenstein (1889-1951), por exemplo, que ainda se referem às vozes que teriam ouvido e que seriam oráculos privilegiados, embora já as situem dentro de nós, da nossa cabeça. Suprimimos as vozes exteriores, mas ainda mantemos, de acordo com nossa tradição cristã, um anjo da guarda que nos "sopra" conhecimento privilegiado, saúde, vida e prosperidade. Talvez tal "anjo" seja tão ou mais privilegiado quanto o que Descartes e Wittgenstein julgavam ter em seus escritos, mas ainda assim muito parecidos (TEIXEIRA, 2012).

Por volta de 800 a.C a mente bicameral entrou em colapso por conta das superpopulações e do caos das migrações. A partir daí a consciência, enquanto uma experiência de primeira pessoa, introspectiva, surgiu. Vozes alucinadas somem, e novos fenômenos começam a aparecer, pois deixamos de receber conselhos diretamente dos deuses, para responder ao nosso próprio comando, que se deu através de um "eu" internalizado, que se instalou de maneira definitiva (autoconsciente). A consciência, segundo Jaynes (2000), um fenômeno relativamente novo, começou a se revelar por volta de 1400 a.C, pois nesse período podemos identificar a consciência (o eu narrador internalizado: autoconsciente) como fenômeno posterior ao aparecimento da linguagem. Jaynes supôs ter constatado que o

---

<sup>6</sup> Sólon foi um estadista, legislador e poeta grego antigo, considerado na antiguidade como um dos sete sábios da Grécia antiga (PLATÃO, 1999).



aparecimento da consciência foi na realidade uma espécie de *upgrade* do nosso "software mental", já que o aparecimento da consciência humana não teve nenhuma relação com a expansão do nosso cérebro (DENNETT, 1998).

## 2 O CÉREBRO DIVIDIDO: A INFLUÊNCIA DE JAYNES

O modelo neurológico de Jaynes para a mente bicameral baseia-se nas diferenças estruturais e funcionais entre os dois hemisférios cerebrais que emergiram dos estudos de lateralidade cerebral realizados em sua época. Surge aqui a noção de hemisfério direito como gerador de experiências alucinatórias derivadas de experiências bem conhecidas que envolveram a estimulação elétrica do cérebro dos pacientes com epilepsia (PENFIELD, 1963). Contudo, sabe-se que este foi o único conhecimento neurobiológico sobre as "áreas silenciosas" do lobo temporal direito disponível por volta de 1970, época em que Jaynes desenvolveu sua pesquisa (CAVANNA; TRIMBLE; CINTI; MONACCO, 2007), o que argumentamos ser um bom indício de que as limitações de Jaynes foram limitações técnicas, isto é, tecnológicas, e não epistemológicas ou lógicas.

Hoje se sabe em neurobiologia que o papel das áreas do lado direito correspondentes às áreas de Broca<sup>7</sup> e Wernicke<sup>8</sup> era pouco conhecido na época de Jaynes, pois não se sabia quase nada. Comparar tais dados em Jaynes com aquilo que diversos autores constatam já saber em nossos dias (DIERKS; LINDEN; JANDL, 1999; LENNOX; BERT; PARK; JONES; MORRIS, 1999; OLIN, 1999), sobre a parte do nosso cérebro que é responsável pela linguagem e a parte que é responsável por nos possibilitar fazer associações e adquirir conhecimento é, de certa forma, mostrar o que pode estar errado com tal hipótese. Aliás, embora Sher (2000) tenha afirmado que estudos de neuroimagem funcional pareçam confirmar a hipótese de Jaynes, já que o giro temporal médio direito representa a fonte de

---

<sup>7</sup> Parte do cérebro humano responsável pela expressão da linguagem que contém os programas motores da fala. Essa área é localizada no giro frontal inferior, que participa do processo de decodificação fonológica e que vai organizar a resposta motora com a finalidade de executar a articulação da fala após receber o estímulo transmitido e processado pela área de Wernicke (CASTAÑO, 2003).

<sup>8</sup> Região do cérebro humano responsável pelo conhecimento, interpretação e associação das informações, mais especificamente a compreensão da linguagem. Graves danos nessa área de Wernicke podem fazer com que uma pessoa que escuta perfeitamente e reconhece bem as palavras seja incapaz de agrupar essas palavras para formar um pensamento coerente, caracterizando doença conhecida como Afasia de Wernicke (BEAR; CONNORS; PARADISO, 2006).

alucinações auditivas em alguns dos pacientes esquizofrênicos, ainda assim, é forçoso afirmar isso, pois nem todo paciente esquizofrênico tem alucinações provindas desse local.

Além disso, embora Persinger e Makarec (1992) alegaram também que essa "lateralização", ou seja, que esse comando de voz do hemisfério direito para o esquerdo poderia muito bem ser a razão pela qual essas vozes internas poderiam ser autogeradas, é preciso destacar que isso não passa de uma hipótese rudimentar, sem evidências, tendo em vista a fisiologia cerebral da época de Jaynes e aquela da qual já dispomos (MITCHELL; CROW, 2005). Afinal, o físico Gregory Cochran, um professor adjunto de antropologia da Universidade de Utah, notou que se a hipótese do livro fosse totalmente certa, o povo da Suméria e do Antigo Egito seria radicalmente diferente de nós, e que a natureza humana seria absolutamente outra.

Em nossos dias, sabe-se que há uma vasta variedade de fenômenos alucinatórios observados em indivíduos normais, como também em indivíduos com transtornos neuropsiquiátricos, como, por exemplo, a esquizofrenia e a epilepsia, mas as situações de estresse propostas por Jaynes são, de acordo com Moffic (1987), na verdade, muito simplistas para serem consideradas como uma boa explicação da evolução da linguagem. A sofisticação da linguagem não parece ter ocorrido por situações adversas as quais os povos relatados por Jaynes (2000) sofreram. Moffic (1987) ressaltou que quando consideramos a bibliografia utilizada por Jaynes sua teoria se torna pouco confiável. Afinal, sabe-se que diversos processos mentais alucinatórios são altamente complexos, assim a definição de "consciência" jaynesiana não poderia explicá-los. Jaynes parece ter se apoiado por meio de especulações dos primeiros estudos de Sperry (1913-1994) e outros colaboradores que estudaram os pacientes de Sperry. Nos anos 70, época que Jaynes escreveu, se supunha que tais pacientes tinham um "cérebro dividido" para darem conta das suas vidas mentais, pois esses pacientes possuíam o corpo caloso separado. Aliás, foi bem na época em que Jaynes fez suas pesquisas que se começou a entender melhor as funcionalidades do cérebro humano. Exatamente na época que foi feita a primeira remoção cirúrgica do corpo caloso e, desde então, passamos a considerar os hemisférios com funções independentes um do outro (SPERRY, 1968; GAZZANIGA, 1970).

Vale salientar ainda que já sabemos que o hemisfério esquerdo cerebral é responsável pelos nossos pensamentos intelectuais, racionais, verbais e analíticos. Exatamente o contrário daquilo que Jaynes propôs. Enquanto o hemisfério cerebral direito que, segundo Jaynes,

governava os seres humanos, na verdade faz apenas a discriminação sensorial e o pensamento emocional que é algo hoje amplamente entendido enquanto não verbal e intuitivo. Além de que há de fato uma extensa interconexão e interação entre os dois hemisférios cerebrais, pois é ressaltado em inúmeros lugares que o cérebro possui uma plasticidade assustadora (DENNETT, 1991, 1998).

Existe, inclusive, uma operação feita no cérebro humano em nossos dias que é chamada de comissurotomia, em que é realizada uma desconexão cirúrgica desses dois hemisférios cerebrais, cortando as comissuras cerebrais em casos de epilepsias de tratamentos muitíssimo complicados. Tais cirurgias provam que Jaynes estava enganado, pois mesmo com os hemisférios desconectados, tais indivíduos operados continuam sendo portadores de consciência, ou ainda, no sentido Jaynes, tais indivíduos continuam tendo autoconsciência ou metacognição, mesmo após terem seus hemisférios "desconectados". Sabe-se que há dois fluxos paralelos de consciência entre os dois hemisférios cerebrais, e ambos os hemisférios desempenham as mesmas funções em conjunto (MARKS, 1980; BROOKS, 1995).

Jaynes (2000) parece ter sido enganado pelos estudos fisiológicos da sua época, pois como considerar o cérebro humano a partir de uma perspectiva evolucionária, se os hemisférios teriam de na verdade serem completamente invertidos e separados para dar plausibilidade empírica à hipótese dele? Ou ainda, se a hipótese requer que uma vasta evolução biológica cerebral tenha ocorrido dentro de um espaço curtíssimo de tempo (durante a transição da mente bicameral 3500 a.C: surgimento da escrita) até a mente consciente (surgimento do pronome Eu na escrita: 1400 a.C), uma grandiosa evolução biológica precisaria ter ocorrido dentro de um pequeno período (dois mil anos). No entanto, em termos de seleção natural, isso não faz sentido. Do contrário, parece que isso exigiria a existência de uma função emergente que seja filogeneticamente descontínua nesse único caso dentro da história da evolução humana.

Por outro lado, notemos que Jaynes não se afasta do terreno biológico, empírico, dos dados experimentais e também da cultura, ele busca um *link* entre ambas, até porque sua hipótese ainda permanece controversa e causando efeito no imaginário de muitas pessoas. Afinal de contas, mesmo que tenhamos visto que pode ser reivindicado que a hipótese de Jaynes não esteja em harmonia com a fisiologia do cérebro e o que entendemos por seleção natural, ainda assim sua perspectiva teórica da consciência foi arduamente embasada em textos literários e compactuada com os dados fisiológicos de que Jaynes dispunha.

Lembremos aqui que Daniel Dennett (1991) por exemplo, um dos mais importantes filósofos contemporâneos vivos, professor e pesquisador do Centro de Estudos Cognitivos da Tufts University em Boston, nos E.U.A., “discípulo” de Quine (1908-2000) em Harvard, de quem herdou o naturalismo (ideia de que a filosofia deve ser uma aliada da ciência ou um prolongamento desta), e discípulo de Ryle em Oxford (TEIXEIRA, 2012), só alegou que consciência é uma espécie de *upgrade* mental, a partir de uma analogia funcionalista (alegando que o cérebro é um computador biológico e a mente o programa a *rodar*, a ser executado neste *hardware* biológico) por causa da influência motivadora de Jaynes em seu trabalho.

Em Dennett (1991), a consciência humana não passa de uma gigantesca coleção de memes, aliás, efeitos de memes em nossos cérebros, que poderiam ser facilmente vistos "com a operação de uma máquina virtual 'Von Neumannesca' implementada na arquitetura paralela de um cérebro que não foi projetado para nenhuma atividade do gênero" (DENNETT, 1991, p. 223). O autor reconhece a influência de Jaynes em seu trabalho. Aliás, sem a hipótese de Jaynes, será que Richard Dawkins teria criado seu conceito de meme de que Dennett faz recurso para compor seu conceito de consciência? “A primeira leitura, Breakdown parecia um dos livros mais loucos já escritos, Jaynes pode ter dito algo sobre alguma coisa” como disse Edge (2006)<sup>9</sup>. Até mesmo Dawkins, por exemplo, escreveu: “é um daqueles livros que é lixo completo ou um trabalho de gênio consumado, nada no meio! Provavelmente o primeiro, mas eu estou protegendo minhas apostas” (DAWKINS, 2006, p. 250). Visto que autores reconhecidos teceram várias críticas a Jaynes mostrando-se, sobretudo, entusiastas dele, não é difícil imaginarmos de que forma, mesmo que a obra tenha poucas evidências empíricas, ainda assim tenha invadido um vasto leque da cultura, por meio de suas questões<sup>10</sup>.

Outra visão da filosofia da mente contemporânea sobre a obra de Jaynes foi a crítica de Ned Block. Afinal, de acordo com Block (1995), Jaynes se confundiu, trocando o

---

<sup>9</sup> "On first reading, Breakdown seemed one of the craziest books ever written, but Jaynes may have been on to something." (EDGE, 2016).

<sup>10</sup> Em 1992 saiu a novela *Snow crash* de Neal Stephenson em que o autor descreve uma tentativa de retornar os seres humanos a seu estado bicameral, isto é, pré-consciente. No livro de Stephenson há algumas ilustrações usadas no próprio livro de Jaynes (STEPHENSON, 1992). Além disso, o romance *Human traces*, de Sebastian Faulks, também contém temas sobre a mente bicameral (FAULKES, 2006). Já na televisão, a série de ficção científica de 2016, *Westworld* invocou a hipótese de Jaynes para explicar como ocorreu o desenvolvimento da consciência em seus "anfitriões" (os androides da série) como foi apresentado no final da temporada 1 "A mente bicameral". O *designer* dos anfitriões, interpretado por *Anthony Hopkins*, admite que muito embora a teoria tenha sido amplamente rejeitada, ela foi bastante útil para que se pudessem projetar as funções cognitivas superiores dos anfitriões do parque (VANDERWERFF, 2016).

surgimento da consciência com o conceito de consciência, ou seja, para Block, Jaynes não notou que os seres humanos poderiam estar conscientes, mesmos sem ter, de fato, ainda, o conceito de consciência da forma como já há algum tempo, como indica a literatura, parecemos ter. No entanto, é preciso notar ainda que, de acordo com Dennett (1978), para algumas coisas como, por exemplo, dinheiro, beisebol ou consciência, não é possível que se conheça a coisa, a use, etc., e não se tenha o conceito dessa coisa. Entretanto, como muitos aspectos genuinamente filosóficos, é no mínimo, discutível que Block tenha apenas interpretado mal a visão de Jaynes (2000) sobre o que esse considerava, de fato, como sendo "uma construção social", como argumenta Williams (2011), ao defender que a consciência é sim apreendida na infância.

Sabemos que Dennett (1998) é um entusiasta, um fã da obra de Jaynes, como atestado em seu ensaio *Julian Jaynes's software archeology*, ao salientar que Jaynes foi um pioneiro, mesmo tendo se enganado com alguns argumentos basais, mas isso não é o seu legado, já que a vantagem foi ter levantado inúmeras questões que até então eram inimagináveis. Dennett, inclusive, deixa claro que seu trabalho mais robusto sobre a consciência, de 1991, não passa de uma tentativa de buscar seguir o projeto de Jaynes. Dennett (1998) deixa claro que se vamos tentar dar uma visão de cima para baixo na filosofia da mente, então teremos de nos aventurar, ousar, já que sobretudo os pesquisadores terão de ser especulativos como foi Jaynes. Para Dennett (1998), na ciência existem as boas e as más especulações, e para "aqueles cientistas que não têm gosto por esse tipo de empreendimento especulativo terão que ficar nas trincheiras e passar sem ele, enquanto o resto de nós arriscam erros embaraçosos e se divertem muito (DENNETT, 1998, p. 124)<sup>11</sup>.

## CONCLUSÃO

Vimos neste artigo que, apesar de existirem problemas em compactuar a teoria de Jaynes com os dados empíricos que hoje dispomos sobre nossos sistemas nervosos, Jaynes marcou profundamente várias áreas da cultura, sobretudo a filosofia da mente de Daniel Dennett. Num primeiro momento apresentamos a tese da mente bicameral: a defesa da

---

<sup>11</sup> "If we are going to use this top-down approach, we are going to have to be bold. We are going to have to be speculative, but there is good and bad speculation, and this is not an unparalleled activity in science. [...] Those scientists who have no taste for this sort of speculative enterprise will just have to stay in the trenches and do without it, while the rest of us risk embarrassing mistakes and have a lot of fun" (DENNETT, 1998, p. 124).

consciência como um produto cultural que seria aprendido pelos seres humanos na primeira infância há cerca de dois mil anos antes de Cristo. Depois, num segundo momento mostramos como funcionaria a mente bicameral, sua ontologia e os problemas desse funcionamento, quando contrastamos os conceitos de Jaynes com a fisiologia cerebral da qual dispomos atualmente. Por fim, procuramos mostrar que a insuficiência de dados empíricos não seria suficiente para apagar a luz da obra da hipótese de Jaynes, que além de muito popular nos EUA, também motivou muitos pesquisadores, incluindo filósofos da mente que reagiram de diferentes maneiras à abordagem inovadora dessa obra.

## REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, D. 1981. What is consciousness? *In*: ARMSTRONG, D. **The nature of mind**. Ithaca, NY: Cornell University Press. p. 55-67

BEAR, MF; CONNORS, BW; PARADISO, MA. Linguagem e atenção. **Neurociências – Desvendando o sistema nervoso**. Porto Alegre: Artmed, 2. ed. Cap. 20, p. 638-675, 2006.

BLOCK, Ned. Review of Julian Jaynes, The origin of consciousness in the breakdown of the bicameral mind. **Globe**, Boston, March, 6, p. A17, 1977.

BLOCK, Ned. On a confusion about a function of consciousness. **Behavioral and Brain Sciences**, **18**, Cambridge, p. 227–247, 1995.

BROOKS DHM. **The unity of the mind**. London: St. Martin's Press 1995.

CARRUTHERS, P. **Phenomenal consciousness**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CASTAÑO, J. Bases neurobiológicas del lenguaje *ysus alteraciones*. **Revista de Neurología**, Madrid, 36(8): p. 781-785, 2003.

CAVANNA, Andrea Eugenio; TRIMBLE, Michael; CINTI, Federico; MONACO, Francesco. The “bicameral mind” 30 years on: a critical reappraisal of Julian Jaynes hypothesis. **Functional Neurology**, Monaco, v. XXII, v. 1, p. 11-15, 2007.

DAWKINS, Richard. **The god delusion**. London: The Bantam Press, 2006.

DAWKINS, Richard. **Selfish gene**. London: Oxford University Press, 1976. 30th Anniversary edition, 2006.

DENNETT, Daniel C. **Consciousness explained**. Boston: Little, Brown and Company, 1991.

DENNETT Daniel C. **Brainchildren essays on designing minds**. Cambridge, Massachusetts: A Bradford Book The MIT Press, 1998.

DENNETT Daniel C. **Brainstorms: Philosophical essays on mind and psychology**. Cambridge: MIT, 1978.

DIERKS T; LINDEN DE; JANDL M. Activation of Heschl's gyrus during auditory hallucinations. **Neuron**, Cell Press, 22, p. 615-621, 1999. Disponível em: [https://www.cell.com/neuron/fulltext/S0896-6273\(00\)80715-1?\\_returnURL=https%3A%2F%2Flinkinghub.elsevier.com%2Fretrieve%2Fpii%2FS0896627300807151%3Fshowall%3Dtrue](https://www.cell.com/neuron/fulltext/S0896-6273(00)80715-1?_returnURL=https%3A%2F%2Flinkinghub.elsevier.com%2Fretrieve%2Fpii%2FS0896627300807151%3Fshowall%3Dtrue). Acesso em: 13 abr. 2017.

EDGE Foundation. **What is your dangerous idea?** 2006. Disponível em: [http://www.edge.org/q2006/q06\\_4.html](http://www.edge.org/q2006/q06_4.html). Acesso em: 15 dez. 2016.

FAULKES, Sebastian. **Human traces**. New York: Vintage Books, 2006.

FISCHER, Esteven Roger. **História da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GAZZANIGA M. **The bisected brain**. New York: Appleton Century Crofts, 1970.

GENNARO, R. **Consciousness and self-consciousness: a defense of the higher-order thought Theory of consciousness**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995.

JAYNES, Julian. **The origin of consciousness in the breakdown of the bicameral mind**. Boston, New York: A Mariner Book Houghton Mifflin Company, 2000.

LENNOX BR; BERT S; PARK G; JONES PB; MORRIS PG. Spatial and temporal mapping of neural activity associated with auditory hallucinations. **Lancet**, London, 353, p. 644, 1999.

MACHADO, Angelo. **Neuro anatomia funcional**. 2. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2004.

MARKS C. **Commissurotomy, consciousness, and unity of mind**. Cambridge, MA; MIT Press, 1980.

MCGILCHRIST, Iain. **The master and his emissary: the divided brain in the making of the Western World**. Yale University Press: New Haven and London, 2009.

MITCHELL RL; CROW TJ. Right hemisphere language functions and schizophrenia: the forgotten hemisphere? **Brain**, Berkshire, 128, p. 963-978, 2005.

MOFFIC HS. What about the bicameral mind? **Am J Psychiatry**, Washington D. C. p. 144-696, 1987.

NAGEL, Thomas. Como é ser um morcego? **The Philosophical Review**, Durhan, Carolina do Norte, EUA, v. 83, n. 4, p. 435-450, 1974.

OBER, Josiah. The Athenian revolution: essays on ancient Greek democracy and political theory. **Princeton University Press**: New Jersey, 1996.

OLIN, R. Auditory hallucinations and the bicameral mind. **Lancet**, London, 354, p. 166, 1999.

PENFIELD W, Perot P. The brain's record of auditory and visual experience. **Brain**, Berkshire, 86, p. 595-696, 1963.

PERSINGER MA, MAKAREC K. The feeling of a presence and verbal meaningfulness in context of temporal lobe function: factor analytic verification of the Muses? **Brain Cognition**, Berkshire , 20, p. 217-226, 1992.

PLATÃO. **Protágoras**. Tradução Ana Piedade Elias Pinheiro. Lisboa: Relógio D'água., 1999.

ROSENTHAL, D. Two concepts of consciousness. **Philosophical Studies**, Berlin, 49, p. 329–359, 1986.

STEPHENSON, Neal. **Snow crash**. London: Bantam Books, 1992.

SHER, L. Neuroimaging, auditory hallucinations, and the bicameral mind. **Journal Psychiatry Neuroscience**, Montreal, Quebec, 25, p. 239-240, 2000.

SEARLE, John R. Consciousness, explanatory inversion, and cognitive science. **Behavioral and Brain Sciences**, Chicago, v. 13, n. 4, p. 585-596, 1990.

SPERRY RW. Hemisphere disconnection and unity in conscious awareness. **Am Psychol**, Pasadena, California , 23, p. 723-733, 1968.

TEIXEIRA João de Fernandes. Julian Jaynes e a arqueologia da consciência. **Filosofia, Ciência e Vida**, São Paulo: Editora Escala, n. 68, p. 12-14, 2012.

VANDERWERFF, Todd. **Westworld season 1 finale: “The Bicameral Mind” is simply brilliant television**. Vox, 2016. Disponível em: <http://www.vox.com/culture/2016/12/5/13839382/westworld-finale-recap-bicameral-mind-dolores-ford-dies>. Acessado em 15 dez. 2016.

WILLIAMS, Gary. What is it like to be nonconscious? A defense of Julian Jaynes. **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, Springer, Heidelberg, Berlin, v. 10, n. 2, p. 217-239, 2011.